

À REIFICAÇÃO DO HUMANO AO NÃO HUMANO: DO DOCUMENTÁRIO CARNE OSSO À LITERATURA DE VIDAS SECAS

The reification from human to non-human: from the
flesh and blood documentary to the novel “Dry Lives”

Caroline Ferri

Professora de Direito da Universidade de Caxias do Sul (UCS),
Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail:
caroline.ferri@gmail.com

Dáisa Rizzotto Rossetto

Mestranda em Direito Ambiental pela Universidade de Caxias do Sul
(UCS), bolsista FAPERGS. E-mail: daisarossetto@gmail.com

Recebido em 07.06.2015 | Aprovado em 27.07.2015

RESUMO: O conceito de reificação, desenvolvido por Lukács, é o centro da reflexão quanto ao que acontece com a força de trabalho humano com o advento da sociedade moderna e o fortalecimento do capitalismo e da propriedade privada. Através da alienação do trabalho, a grande massa dos trabalhadores é coisificada por aqueles que detém os meios de produção, os trabalhadores são usados e descartados quando não mais corresponderem aos anseios do capital. Entretanto, essa lógica não se restringe aos humanos. Para o capitalismo, a coisificação da vida, na era moderna estende-se entre tudo aquilo que apresenta-se como rentável numa lógica de lucro e acumulação, sendo assim também os animais tornam-se vítimas deste sistema, suas vidas passam a ser bens precificados, uma vez que já são discriminados como coisas, como bens, os animais não humanos passam a ser objetos, sujeitos tomados como propriedade, passando a serem utilizados

como instrumentos em diversos seguimentos da sociedade moderna e baseada no consumo.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo; coisificação; humanos; não humanos.

ABSTRACT: The concept of reification developed by Lukacs, is the center of reflection as to what happens to the human workforce with the advent of modern society and the strengthening of capitalism and private property. Through the alienation of labor, the great mass of workers is reified by those who own the means of production, workers are used and discarded when no longer meet the aspirations of the capital. However, this logic is not restricted to humans. For capitalism, the commodification of life in the modern era extends between everything that is presented in a logic of profit and accumulation, so with the animals become victims of this system, their lives are now priced goods. Since they are already discriminated as things such as goods, non-human animals become objects, subjects taken as property, going to be used as tools in various segments of modern society based on consumption.

KEYWORDS: Capitalism; reification; human; non-human.

SUMÁRIO: 1. Considerações Iniciais - 2. Reificação: Do humano ao não humano - 3. Documentário Carne e Osso - 4. A reificação na obra *Vidas Secas* - 5. Considerações Finais - 6. Notas de Referência

1. Considerações Iniciais

O estudo do conceito de reificação, desenvolvido por Lukács é aqui tomado para a análise da moderna questão dos animais. Neste sentido, diz-se que, usando a vida animal em diversos segmentos como a da indústria de alimento, testes e entretenimento a vida animal passa a ser dissociada da consciência e vontade de que são dotados os animais. O que prevalece assim, é o legado cartesiano de que os animais funcionam como máquinas, não sentem dor, nem possuem consciência. Em poucas palavras, são coisas.

Entretanto, na lógica moderna, no fortalecimento do capital privado, tentar-se-á, através da análise do documentário *Carne Osso* demonstrar que a conjectura de coisificação da vida não se

limita aos não humanos. Em frigoríficos os humanos (trabalhadores) estão sujeitos a um ambiente degradante, de grande risco e de pressão¹ para que produzam cada vez mais, também como máquinas. Alienados ao produto gerado pelo sua força de trabalho, estão diante do interesse de grandes corporação em troca de um salário baixo e condições mínimas de dignidade.

Por fim, recorre-se a literatura, para se apontar a um mundo, - real – em que humanos e não humanos aproximam-se através da coisificação de suas vidas. A reificação, assim é um fenômeno que será objeto de estudo rápido através da obra *Vidas Secas*, do alagoano Graciliano Ramos.

No desenvolvimento do artigo não se deterá na justificativa de que se, afinal, o trabalhador é visto como meio, como coisa, seria inaceitável pensar que se poderia ser diferente com o animal não humano. O que se pretende demonstrar é que a reificação, pela lógica do capital, não impõe limites. Onde o lucro se estende, onde a propriedade privada existe, haverá a reificação seja ela humana ou não humana. Da mesma forma, cabe a compreensão de que a exploração entre humano e não humano também possui relação.

2. Reificação: Do humano ao não humano

O pressuposto primário para a elaboração deste artigo, refere-se ao animal como um ser senciente, dotado de consciência e vontade. Tão logo, não sendo entendido como coisa.

Mesmo assim, a lógica que impera nos dias de hoje, concebe o animal como coisa, como propriedade, suscetível de apropriação. Desta forma, as utilizações dada ao animal são imensas e já conhecidas: instrumentos de testes, entretenimento, alimentação. Os animais, assim, como herança do “penso, logo existo”, de Descartes, são assumidos, pelos interesses humanos, como coisas, mercadorias, sem qualquer forma de sensibilidade ou autonomia.

Neste sentido, nota-se que existe, também, em relação aos animais, uma lógica de precificação, já que são entendidos como coisas, sofrem, como os humanos, o processo de reificação.

De antemão, ressalta-se que Marx não se deteve na análise das questões animais, – mas teve certa preocupação com a natureza, vez que sabia que a natureza era a fonte de matéria-prima para produção de mercadoria – entretanto, aqui será utilizado os conceitos estudados por ele, – com relação ao trabalhador – que se tentará transpô-los para a realidade animal, no contexto atual.

Para Marx, neste sentido, “O trabalho não produz apenas mercadoria; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e justamente na mesma proporção com que produz bens.”²

Talvez a diferença que se estabelece entre humano e não humano, no contexto moderno capitalista é que, enquanto, para o humano, o que se toma como objeto de mercadoria seja a sua força de trabalho, para o animal, sua própria vida é tomada como mercadoria de utilização sem fim, logo é sinônimo de alimento, de instrumento de teste, um bem que pode ser adquirido num pet shop, ou uma ferramenta usada pela ciência.

Aqui, com relação aos argumentos estudados por Marx, sobre o capital e os inúmeros conceitos que se entrelaçam a ele e tentando anexar-se ao estudo da questão animal, vê-se que não se pode negar que a alienação do trabalho, a força do capital privado, e a economia movida pelos animais, - através de sua precificação -, exerce grande poder no contexto social atual. Onde ambos são, humanos e não humanos, precificados de acordo com o que são capazes de produzir como mercadoria.

“E a grande problemática da mercadoria e do fetichismo relacionado a ela, são questões do capitalismo moderno. Essa relação, por sua vez, envolve a objetividade e o sujeito, que está submetido a ela.”³

Veja-se, por exemplo, as últimas eleições presidenciais do Brasil. Entre os maiores financiadores de campanhas estava um dos maiores frigoríficos do país. Neste sentido, nota-se que exis-

te relação entre a opressão vivida entre os animais e uma camada considerável dos trabalhadores. Por parte dos trabalhadores, o que pode ser afirmado é que existe a alienação em relação ao seu esforço e o produto resultante deste.

A *alienação* do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência *externa*, mas que existe independentemente, *fora dele* e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele; que a vida que deu ao objeto de torna uma força hostil e antagônica.⁴

Portanto, nota-se que tanto humano como não humano, na percepção do capital, são desconstituídos de sua natureza e são assumidos como objetos precificados, já que são considerados coisas.

Seguindo, salienta-se acerca do conceito de *reificação*, desenvolvido por Georg Lukács, e que, simploriamente, significa a coisificação das relações entre pessoas.

A essência da estrutura da mercadoria (...) se baseia no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa e, dessa maneira, o de uma “objetividade fantasmagórica” que, em sua legalidade própria, rigorosa, aparentemente racional e inteiramente fechada, oculta todo traço de sua essência fundamental: a relação entre os homens.⁵

O termo foi designado para expressar a coisificação das relações sociais a partir da estrutura da mercadoria, entretanto, como os animais também são oprimidos pelo mercado que os tornam objetos, o termo será tomado para tal compreensão.

Quanto ao conceito da reificação, Lukács, dirá que,

E *esse* desenvolvimento da forma mercantil em forma de dominação efetiva sobre o conjunto da sociedade surgiu somente com o capitalismo moderno. Por isso, não é demais de admitir que o caráter pessoal das relações econômicas tenha sido percebido ainda no início do desenvolvimento capitalista e, às vezes, de maneira relativamente clara; no entanto, quanto mais avançava o desenvolvimento, mais complicadas e intermediadas surgiam as formas, cada vez mais raro e difícil tornava-se penetrar nesse invólucro reificado.⁶

Logo, é a partir do desenvolvimento moderno que se torna mais evidente a busca pelo excesso da mercadoria, que, por sua vez, está completamente distante da figura do trabalhador que a produz ou de tudo aquilo que se entrelaça durante o período de fabricação, mas que, todavia, não se reflete no produto final. É nesse sentido que, muitas vezes, a figura do animal é desconectada do produto que chega ao consumidor.

Pois bem, o que ainda deve ser notado é que existe uma camada social. O trabalhador, que é oprimido pela lógica moderna da produção da mercadoria. O trabalhador ainda, na sua atividade, está alienado ao produto que produz, vez que é incapaz de consumi-lo.

A alienação do trabalhador no objeto revela-se assim nas leis da economia política: quanto mais o trabalhador produz, menos tem de consumir; quanto mais valores cria, mais sem valor e mais desprezível se torna; quanto mais refinado o seu produto, mais desfigurado o trabalhador; quanto mais civilizado o produto, mais desumano o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, mais imponente se torna o trabalhador, quanto mais magnífico e pleno de inteligência o trabalho, mais o trabalhador diminui em inteligência e se torna escravo da natureza.⁷

Talvez aqui, diante da reificação e da alienação do trabalhador *pelo* trabalho e *para* o trabalho, exista uma aproximação entre a figura do animal e do humano. Uma vez que, alienado o humano afasta-se de sua capacidade humana e torna-se mais próximo da sua características de animalidade. Em sua época, (talvez, na atualidade, seja uma compreensão já ultrapassada) Marx afirmou o seguinte sobre esse trabalhador alienado.

(...) o homem (o trabalhador) só se sente livremente ativo nas suas funções animais – comer, beber e procriar, quando muito, na habitação, no adorno, etc. – enquanto nas funções humanas se vê reduzido o animal. O elemento animal torna-se humano e o humano, animal.⁸

O processo de reificação, então pode ser visto como um processo que assume o humano, como o não humano, num classe de seres coisificados, transformados em objetos e como objetos possuem tempo de uso e, depois, não mais podendo satisfazer as necessidades de quem os possui (no caso do trabalhador o capital privado que possui os meios de produção), serão descartados e substituídos.

Assim, no próximo capítulo pretende-se demonstrar que, conforme a citação acima, a realidade de opressão e desumanização do trabalhador é uma verdade latente entre os frigoríficos no país, os baixos salários são um mero detalhe diante da exposição ao estresse e a pressão que seus corpos e suas mentes são expostos.

Neste sentido, o sofrimento em tais locais refere-se ao animal, o ser coisificado, transformado em mercadoria que apenas parte da população terá acesso e poderá consumir e, também, ao humano alienado numa atividade de trabalho de alto risco, em que não se tem o mínimo de liberdade para ir ao banheiro ou falar com os colegas.

3. Documentário Carne e Osso

Na tentativa de demonstrar que a reificação acontece entre os procedimentos de coisificação das relações sociais, mas que também acontece nos processos de coisificação da vida animal, aborda-se, através deste trabalho, a realidade de total exploração e descaso com homens e mulheres, que trabalham nas grandes empresas de frigoríficos no Brasil.

O documentário *Carne Osso* (2011), relata a vida que os trabalhadores de frigoríficos de bois, aves e suínos levam e os problemas de saúde advindos desta atividade. Os riscos, nesses locais, são muito vezes maiores que o de qualquer outro trabalho, a jornada é longa, a pressão é maior ainda. São muitos os casos de problemas físicos e mentais gerados pelo ambiente estressante

nos frigoríficos. Os acidentes, são frequentes e são infundáveis as doenças causadas pelo esforço repetitivo.

De acordo com relatos de trabalhadores, trazidos no documentário: “A gente começou desossando três coxas e meia. Depois, nos 11 anos que eu fique lá, cada vez eles exigiam mais. Quando saí, eu já desossava sete coxas por minuto”.⁹ Ainda, “Tu não tem liberdade pra tu ir no banheiro. Tu não pode ir sem pedir ordem pro supervisor teu, pro encarregado teu. Isso aí é cruel lá dentro. Tanto que tem gente que até louco fica”.¹⁰

Neste sentido, o que se torna evidente diante do documentário *Carne e Osso* é a veracidade da coisificação do humano, precificado pelo seu trabalho, alienado pela mercadoria que produz, no contexto do capitalismo moderno. O que demonstra que tal fenômeno é tão atual quanto era no período em que foi elaborado, mesmo quando se amplia a legislação de proteção do trabalhador.

Entretanto, enquanto as esteiras passam trazendo animais inteiros que aos poucos vão se tornando pedaços, completamente diferentes das imagens dos animais, em sua completa constituição, a reificação continua presente, pois existe, também aqui, a transformação de seres dotados de vida e, logo, possuindo interesse à ela, que são coisificados, em nome de uma indústria que move a economia.

A pesquisadora Melanie Joy, analisou mais de perto a realidade dos frigoríficos dos Estados Unidos. Constatando que “(...) a grande maioria desses animais – mais de 300 milhões deles – são tratados como mercadorias, como meios para determinados fins. Como os outros animais, seu bem-estar afeta o lucro. E como os outros animais, recebem pouca proteção de lei.”¹¹

“Mais de 100 milhões de bois, porcos e ovelhas são criados e abatidos, por ano, somente nos Estados Unidos; quanto a aves de produção, chega ao assombroso número de cinco bilhões.”¹²

Constata-se diante dos números cada vez maiores que a indústria da carne se tornou uma grande negócio. Nos últimos anos, a agricultura foi transformada em agronegócio, as empre-

sas, foram ampliadas e desenvolveram métodos de produção em escala.¹³

“Todo mundo sabe que terrível e insuportáveis quadros uma pintura realista poderia fazer da violência industrial, mecânica, química, hormonal, genética, à qual o homem submete há dois séculos a vida animal.”¹⁴ Além do que se tornou o processo de produção, desde o nascimento até a morte quando chegará ao consumidor final. “A produção, a criação, o transporte e o abate desses animais.”¹⁵

Entretanto, as vítimas da indústria da carne não são, somente, os não humanos, os animais.

Os trabalhadores dos frigoríficos passam praticamente todas as suas horas de vigília em instalações superlotadas, com pisos que podem estar cobertos de sangue e gordura. (...) Condições de trabalho tão pouco saudáveis e perigosas podem levar a uma variedade de outros males físicos, mas raramente esses empregados recebem tratamento médico, pois é mais racional em termos de custo perder alguns deles prematuramente do que atender às suas necessidades físicas. Não causa surpresa que, como outros animais que têm de ser espicaçados quando resistem a seguir ordens, os trabalhadores de frigoríficos possam ser intimidados, tanto física quanto psicologicamente, se deixam de corresponder às exigências.¹⁶

Segundo Melanie, o que pode ser notado nos frigoríficos estadunidense é que as condições de trabalho não melhoraram com o passar dos anos.

(...) sob muitos aspectos, as condições de hoje são ainda piores; o aparecimento de unidades maiores e tecnologias de processamento mais rápido, acompanhado de um número inadequado de inspetores federais, deixou os trabalhadores ainda mais sobrecarregados e as instalações ainda mais abarrotadas e difíceis de policiar.¹⁷

Assim, a grande indústria da carne, destrói a natureza, gera poluição, exige um número exorbitante de litros de água, toma os animais como objetos, aliena os trabalhadores. Essa mercado-

ria, que foi chamada de carne, faz vítimas todos os dias, e não se restringe aos animais mortos.

Essas outras vítimas do carnismo são raramente o foco de atenção quando se discute a produção de carne. (...) São os animais não humanos. São os trabalhadores dos frigoríficos e laticínios, as pessoas que moram perto das CAFOs [confinamentos] poluidoras, os consumidores de carne, os contribuintes.¹⁸

No caso dos Estados Unidos, muitos dos trabalhadores de frigoríficos são imigrantes ilegais da Ásia e América Latina. Esses homens e mulheres trabalham com pouco ou nenhum tipo de treinamento. Estão submetidos a um ambiente de violência e estresse, de forma despreparada, trabalham em condições insalubres e que possui alto risco. Além disso devem suprir a pressão dos números.¹⁹

Como era de se esperar, o mais perigoso trabalho fabril nos Estados Unidos é o dos frigoríficos, e é também o mais violento. Por exemplo, os trabalhadores têm de usar máscaras de hóquei para que os dentes não sejam arrancados pelo coice dos animais conscientes sendo arrastados por uma esteira transportadora.²⁰

O fato, ganhou notoriedade quando houve a publicação de um relatório pelo Human Rights Watch, 2005, em que este criticou a indústria da carne nos Estados Unidos, uma vez que os trabalhadores estavam em condições deploráveis e que eram violados até os mais básicos direitos humanos.²¹

Sem falar aqui em como o ambiente violento dos matadouros reflete-se na vida íntima e social dos trabalhadores.

Voltando ao tema central deste artigo e a grande crítica ao capital, feita por Marx, vê-se que através da lógica do agronegócio tem-se, bem delineado, o trabalhador e o capital concentrado na mão de poucos, de grandes corporações. O poder por parte de tais corporações é tão grande que acaba por comprometer a própria democracia e como consequência, a defesa dos direitos do trabalhador.

(...) quando o poder está excessivamente concentrado em uma indústria, a democracia fica corrompida. É o caso da carne. A pecuária é uma indústria de 125 bilhões de dólares controlada por um punhado de corporações. Essas corporações são poderosas porque foram incorporando um número cada vez maior de empresas, absorvendo todos os negócios do ramo (...). Os economistas advertem que, quando uma indústria tem uma taxa de concentração que ultrapassa quatro companhias controlando 40% do mercado (...), a competitividade declina e surgem sérios problemas, particularmente na área de proteção ao consumidor; os conglomerados se tornam capazes de impor os preços e determinar, por exemplo, a qualidade da comida.²²

O agronegócio detém grande poder de escolha e de decisão, detém a mão de obra barata dos trabalhadores, detém a vida animal e faz uso dela. Tal contexto tem por trás a lógica estudada por Marx, a alienação, o capital privado, a natureza como matriz, afinal “(...) a natureza fornece os *meios de existência* do trabalho (...)”²³ E neste viés, é palpável a coisificação das relações sociais, como compreendeu Lukács, - a reificação - e a fragmentação da vida animal, agora mercadoria pronta para ser expostas nos mercados e casas de carne. Também aqui, existe a reificação.

Tamanha é a significação do agronegócio que se rompe com a democracia, o bem comum, a proteção da natureza e a busca pela proteção animal. “O poder do negócio pecuarista é tão grande que a indústria acabou entrelaçada com o governo, desrespeitando a fronteira entre interesses privados e serviço público.”²⁴

O que se pretende dizer é que somente quando a reificação dos animais for entendida como um mal para a sociedade, assim como ela é para os humanos é que se terá alguma possibilidade de entendê-los como seres que possuem vida e que, logo, possuem interesse a ela. Afinal,

Não se trata de proteger os animais apenas como forma de proteger o meio ambiente e, conseqüentemente, proteger o próprio homem, afim de lhe proporcionar sadia qualidade de vida, harmonia do planeta e do homem com a natureza, mas sim o animal por ele próprio, por sua

condição de ser vivo, que o faz merecedor de tratamento digno, e não mero instrumento em benefício humano.²⁵

Neste sentido, para o professor Carlos Naconecy a pior forma de coisificar um animal é transformando-o em comida. “99% dos animais sobre o nosso planeta são cortados no açougue, (...). A pior forma de desrespeitar uma criatura é “coisificá-la” como algo comestível.”²⁶

O ponto fundamental é reconhecer a alteridade dos animais, cuja reificação (transformação do animal em coisa), instrumentalização (utilização do animal como meio) ou antropomorfização (transfiguração da alteridade e especificidade animal) devem ser postas à luz de um devido crivo crítico.²⁷

Uma vez que, e por fim, assim como a lógica traçada entre o trabalhador e seu trabalho, em que, diante do interesse capitalista, surge a objetificação do trabalho, da mesma forma, os animais, para corresponder a lógica do capital e do acúmulo estão transformados em coisas.

4. A reificação na obra Vidas Secas

Previamente coloca-se que não se deterá, neste capítulo, ao contexto histórico em que a obra, *Vidas Secas* foi escrita. Procurar-se-á, de forma breve, identificar o fenômeno da reificação na obra de Graciliano Ramos.

Trata-se de uma obra literária neo-realista. No núcleo da obra, a realidade de uma família que sofre com a conjectura social que os esquece no distante sertão. A opressão, a lógica do capital, o trabalho, a falta de remuneração, a alienação e as dificuldades climáticas estão entre os elementos que se entrelaçam à história.

Este modelo baseia-se na tensão de um “eu” (metonímia do povo, porém ainda assim individualizado) e o mundo (sertão) que não se resolve, uma vez que o drama desse “existir” depende necessariamente

te da solução de questões mais amplas: a luta de classes, a opressão capitalista, a animalização do homem pelo próprio homem (expressão sociológica da crueldade humana intrínseca).²⁸

Conforme é trazido no posfácio da obra, escrito por Hermenegildo Bastos²⁹, a obra traz em si a reflexão acerca da reificação. É num cenário de miséria que Fabiano, Sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia andam pelo sertão, em busca de uma vida melhor, onde exista liberdade para viver com dignidade.

“Próximos a natureza, mas ao mesmo tempo dela afastados por uma relação de trabalho alienado, os personagens de *Vidas secas* parecem ser símbolos do ser social em seu processo de evolução histórica.”³⁰

O trabalho explorado de Fabiano, que recebe sempre menos do que as contas de Sinhá Vitória mostram que deveria receber, os sonhos e desejos de cada um dos personagens. “Também baleia morre sonhando com um mundo cheio de preás, um sonho impossível de ser sonhado, já delírio.”³¹

E neste contexto o papel de Baleia, a cachorra que acompanha a família, como se fosse mais um dos entes daquela família, é bastante presente na obra. Entretanto, assim como os humanos, ela vive a reificação. “A condição comum ao menino mais velho, ao mais novo e a Baleia é a da reificação. *Vidas secas* narra o mundo reificado e a luta dos homens pela liberdade.”³²

Entretanto, poder-se-ia dizer que a reificação, na obra *vidas secas* está representada pela aproximação entre o humano animalizado e o animal mais próximo de uma esfera de humanização.

Baleia, nesse pensamento altruísta e solidário, consegue ser mais humana que as demais personagens, mas o efeito no plano narrativo não é apenas o de humanizar a cachorra – o que, acreditamos, não fosse a intenção do autor nessa construção – mas, principalmente, o de, pelo efeito contrastivo, dimensionar a reificação dos indivíduos na existência brutalizante do sertão.³³

Logo, em *Vidas Secas*, aparece a aproximação entre humano e não humano por uma relação reificada. Ambos são vistos como coisas, pelo contexto e condições a qual estão inseridos.

Assim, de forma breve e sintética usa-se da literatura para tentar demonstrar que as relações sociais, nesse caso, a realidade do sertão brasileiro impõe inúmeros conceitos que Marx usava para demonstrar a relação entre proletariado e burguesia.

O advento do capitalismo, a valorização da mercadoria, tornou humanos e não humanos coisas precificadas, os humanos estão diante de uma situação de alienação em relação ao que a sua força de trabalho produz, assim como estão alienados ao que a lógica do mercado impõe aos animais. Na lógica moderna, do capital privado, a contextualização social demonstra que estão todos sob o efeito da reificação.

5. Considerações finais

O conceito da reificação foi o foco central para o desenvolvimento deste artigo. Trata-se da coisificação das relações sociais. Tal coisificação relaciona-se com a lógica da mercadoria e do fetichismo por trás dela. Por detrás da mercadoria, também está o trabalhador, alienado ao produto produzido por si mesmo. O grande lucro dessa produção permanece a um grupo privado pequeno, que detém os meios de produção e usa do trabalhador como uma máquina com data de validade. Quando não estiver mais em plenas condições de exercer o trabalho, substitui-se.

Tal conjectura é realidade latente nos grandes frigoríficos, em que o trabalhador submete-se a um ambiente insalubre, em que existe grande risco de acidente e doenças causadas pelo esforço repetitivo. Como remuneração pelo seu trabalho, recebe um salário baixo que não condiz com a condição de sua tarefa. É uma condição subumana.

Esta grande camada social está reificada, o humano tornou-se uma mercadoria em tal relação, subjulgada ao interesse de

grandes corporações. As grandes corporações, no entanto, tendo grande poder, influenciam nas decisões, – ditas democráticas – e nos direitos dos trabalhadores.

Pois bem, mas a figura da reificação em caso específico ao cotidiano dos frigoríficos estende-se também aos animais, que entram nesses locais cheios de vida e saem aos pedaços, desfragmentados de sua natureza e condição real de vida. Por este viés, pode-se considerar que o simples fato de comer um pedaço de carne, já contém em si o grande exemplo da reificação: A transformação da vida num pedaço de carne, comumente denominado de comida.

A reificação do animal, começa na lógica do capital, criada pelo humano que, na atualidade, usa do não humano para ampliar o crescimento do agronegócio, gerando assim a ampliação da reificação do humano, - também este transformado em moeda de troca, objeto de troca - uma vez inserido nesse ambiente degradante e indigno.

Por fim, corroborando com as ideias levantadas no texto, a conjectura social do sertão, feito através da leitura de *Vidas Secas*, demonstra que a reificação está aproximando a sujeição do humano e do não humano, humanidade e animalidade se confundem, e diante da conjectura social do progresso criado pelo capital quem não dispõe dos recursos acaba subjulgado pelo sistema, acaba sendo precificado diante daquilo que o capital precisa, da força de trabalho, seja ela humana ou não humana. Assim, as características de Baleia e de cada ente da família se confundem, pois todos eles são frutos, são vítimas da reificação. Neste sentido, pode-se dizer que a relação reificada torna mais próxima a vida, do humano e a do não humano.

6. Notas de Referência

1

- 2 KARL, Marx. *Manuscritos Econômico-Filosófico*. São Paulo: Martin Claret, 2006. p.111
- 3 LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.194
- 4 KARL, Marx. *Manuscritos Econômico-Filosófico*. São Paulo: Martin Claret, 2006. p.112
- 5 LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.194
- 6 LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.197
- 7 KARL, Marx. *Manuscritos Econômico-Filosófico*. São Paulo: Martin Claret, 2006. p.113
- 8 KARL, Marx. *Manuscritos Econômico-Filosófico*. São Paulo: Martin Claret, 2006. p.114-115
- 9 Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/carneosso/o-filme/>. Acesso em 09/02/2014
- 10 Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/carneosso/o-filme/>. Acesso em 09/02/2014
- 11 JOY, Melanie. *Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não*. Trad. Mário Molina. São Paulo: Cultrix: 2014. p. 72
- 12 SINGER, Peter. *Libertação animal*. Trad. Marly Winckler, Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martin Fontes, 2010. p. 139
- 13 SINGER, Peter. *Libertação animal*. Trad. Marly Winckler, Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martin Fontes, 2010. p.141
- 14 DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 53
- 15 DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 53
- 16 JOY, Melanie. *Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer*

- alguns animais e outros não. Trad. Mário Molina. São Paulo: Cultrix: 2014. p.73
- ¹⁷ JOY, Melanie. *Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não.* Trad. Mário Molina. São Paulo: Cultrix: 2014. p.75
- ¹⁸ JOY, Melanie. *Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não.* Trad. Mário Molina. São Paulo: Cultrix: 2014. p.72
- ¹⁹ JOY, Melanie. *Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não.* Trad. Mário Molina. São Paulo: Cultrix: 2014. p.78
- ²⁰ JOY, Melanie. *Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não.* Trad. Mário Molina. São Paulo: Cultrix: 2014. p.79
- ²¹ JOY, Melanie. *Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não.* Trad. Mário Molina. São Paulo: Cultrix: 2014. p.80
- ²² JOY, Melanie. *Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não.* Trad. Mário Molina. São Paulo: Cultrix: 2014. p.87
- ²³ KARL, Marx. *Manuscritos Econômico-Filosófico.* Martin Claret. P.112
- ²⁴ JOY, Melanie. *Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não.* Trad. Mário Molina. São Paulo: Cultrix: 2014. p.87
- ²⁵ Klevenhusen R. B., Chalfun M.. Pela não reificação dos animais: a caminho da concretização do Estado Constitucional Ecológico. *Revista Brasileira de Direito Animal*, vol. 9, num. 16, 2014. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/12122>. Acesso em 10/02/2015

- ²⁶ Disponível em <http://www.ecodebate.com.br/2010/11/01/a-pior-forma-de-desrespeitar-uma-criatura-e-coisifica-la-como-algo-comestivel-entrevista-com-carlos-naconecy/>. Acesso em 10/02/2015
- ²⁷ Disponível <http://www.ecodebate.com.br/2010/11/01/a-pior-forma-de-desrespeitar-uma-criatura-e-coisifica-la-como-algo-comestivel-entrevista-com-carlos-naconecy/>. Acesso em 10/02/2015
- ²⁸ CARBONEL, Thiago Ianez; PALERMO, Iraídes Fátima Bogni. *A retórica da reificação: reflexos contextuais no romance Vidas Secas, de Graciliano Ramos*. Disponível: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slt30/10.pdf>. Acesso em 15/02/2015
- ²⁹ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 125ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. p.129
- ³⁰ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 125ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. p.133
- ³¹ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 125ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. p.134
- ³² RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 125ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. p.134
- ³³ CARBONEL, Thiago Ianez; PALERMO, Iraídes Fátima Bogni. *A retórica da reificação: reflexos contextuais no romance Vidas Secas, de Graciliano Ramos*. Disponível: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slt30/10.pdf>. Acesso em 15/02/2015